

DIÁLOGOS ENTRE A QUESTÃO AGRÁRIA E A OBRA TORTO ARADO

Aila Cristina Costa de Jesus/UFBA

ailacristinacj@gmail.com

Grupo de Pesquisa GeografAR/POSGEO/UFBA/CNPq
Grupo de Pesquisa em Questões Agrárias IF Baiano/CNPq

Aline dos Santos Lima/IF Baiano

aline.lima@ifbaiano.edu.br

Grupo de Pesquisa GeografAR/POSGEO/UFBA/CNPq
Grupo de Pesquisa em Questões Agrárias IF Baiano/CNPq

EIXO TEMÁTICO 08: Arte e Cultura na Educação do Campo

Resumo: Na Geografia, a forma como os distintos grupos sociais se apropriam dos bens da natureza, especialmente a terra, é analisado pela Questão Agrária. É possível entender geograficamente o acesso à terra e aos demais bens da natureza a partir da arte, principalmente da literatura. O objetivo do presente trabalho é relatar a experiência de estudo das dimensões da questão agrária no Brasil-Bahia-Vale do Jiquiriçá a partir do estudo da obra literária “Torto Arado”. O trabalho em tela discute as múltiplas expressões da questão agrária com base na reflexão teórica em diálogo com trechos da obra que ilustram a realidade concreta dos/das participantes da disciplina “Questão Agrária e Literatura”, ofertada no segundo semestre de 2021 no IF Baiano Santa Inês. No processo, cada participante construiu uma carta para um/uma personagem de “Torto Arado” expressando como a obra intercala elementos de suas trajetórias de vida tendo a terra como fio condutor.

Palavras-chave: Questão Agrária; Geografia; Literatura; IF Baiano Santa Inês.

Introdução

“A gente não quer só comida
A gente quer comida, diversão e arte
A gente não quer só comida
A gente quer saída para qualquer parte”¹

Ousamos exaltar a canção que diz “*a gente não quer só comida, a gente quer comida, diversão e arte*” em um contexto de escancaramento das desigualdades sociais, acentuadas pela crise política e sanitária que estamos vivenciando. Os dados mostram, que nem a comida que a canção diz que a gente quer, estamos tendo. Os dados

1 Música de Composição: Arnaldo Antunes / Marcelo Fromer / Sérgio Britto e interpretada por Elza Soares e a banda Titãs utilizada na mística de abertura da disciplina.

sistematizados pela plataforma de Olho na fome² mostram que, no ano de 2022, cerca de 33 milhões de pessoas não têm o que comer no Brasil. Dessa forma, considerando o cenário que vivemos, com milhões de pessoas vivendo em situação de fome, é necessário pensar em formas de trazer para o debate questões estruturais para compreensão das desigualdades sociais que afetam a sociedade brasileira para além das questões conjunturais. Dentro das possibilidades, podemos usar da Arte (música, dança, pintura, escultura, teatro, literatura, cinema, fotografia, entre outras), para denunciar mazelas sociais, reivindicar direitos negados e propor novos caminhos para a garantia da terra, alimentação, moradia, educação, saúde, lazer e outros direitos fundamentais à vida.

Segundo Corrêa *et al.* (2019), a literatura é uma expressão artística presente na vida de todos nós. Ela expressa sentimentos e ações humanas, para além da vida e das aparências. É a partir da literatura que podemos questionar a vida cotidiana e perceber as contradições históricas e sociais que vivenciamos. Portanto, a literatura é um exercício de autoconhecimento e ao mesmo tempo, é uma crítica da vida. Foi movido por esse desejo que as autoras do texto propuseram a oferta da disciplina optativa “Questão Agrária e Literatura”³. A disciplina foi ministrada para discentes dos cursos de Licenciatura em Geografia e Ciências Biológicas do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Baiano (IF Baiano) - *Campus* Santa Inês no ano de 2021 (Período/semestre 2020.2 - entre 16/08 até 06/11/2021). Devido a pandemia provocada pela COVID-19, infecção respiratória aguda causada pelo coronavírus SARS-CoV-2, as aulas aconteceram no formato Atividades Pedagógicas Não-Presenciais (APNP) com momentos síncronos e assíncronos.

Assim, o nosso objetivo com o presente texto é relatar as experiências desenvolvidas no âmbito da disciplina. A proposta da atividade teve como objetivo compreender a Questão Agrária no Brasil-Bahia-Vale do Jiquiriçá tendo a obra “Torto Arado” como possibilidade de diálogo dos nexos entre a Questão Agrária e a apropriação dos bens da natureza (água, ar, biodiversidade, energia solar, minerais, terra

2 Disponível em: <<https://olheparaafome.com.br/>>. Acesso em: **05 de ago.** de 2022.

3 A oferta do referido componente foi proposto como parte do plano de trabalho do Grupo de Pesquisa Geografar/POSGEO/UFBA e do Grupo de Pesquisa em Questões Agrárias IF Baiano. As autoras, realizam atividades de ensino-pesquisa-extensão em rede e, portanto, articulando ações entre os pesquisadores e estudantes que compõem os dois Grupos. Mais informações sobre Grupo GeografAR, conferir: <http://dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/15319>. Mais informações sobre Grupo de Pesquisa em Questões Agrárias IF Baiano, conferir: <http://dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/3613>.

e ventos). Para tanto, metodologicamente, as aulas foram organizadas com momentos iniciais de exposição e debate sobre a Questão Agrária. Ao situarmos a temática, seguimos com momentos síncronos e assíncronos de leitura coletiva com metas pré-estabelecidas nas quais os discentes tinham que ler e fichar a obra “Torto Arado” (VIEIRA JÚNIOR, 2019) observando se o livro abordava a Questão Agrária. Nos encontros síncronos, os discentes socializaram quais foram suas impressões sobre a leitura, quais pontos eles relacionavam à Questão Agrária e suas experiências de vida.

Como forma de sistematizar a experiência da leitura coletiva que, segundo Campos (2015), é o ato de ler-compartilhar, ler-com, ler-para, foi proposta a construção de Cartas para “Torto Arado”. Cada participante escolheu um/uma personagem da obra que mais chamou sua atenção e escreveu para ele/ela dialogando sobre as expressões da Questão Agrária, suas trajetórias de vida e o que mais lhes tocou durante a leitura.

Segundo João Pedro Stedile, a discussão sobre Questão Agrária perpassa por diversos campos de estudos a depender das interpretações, dimensões ou aspectos da situação agrária de determinada sociedade. Dessa forma, a Questão Agrária pode ser estudada a “[...] partir das relações sociais, do poder político, a luta de classe, o domínio e controle das terras” (STEDILE, 2011, p. 15) que evidencie o processo de apropriação e organização da posse e uso dos bens da natureza.

Partimos da premissa que a Questão Agrária está relacionada “[...] as questões referentes às relações sociais de produção, ou seja, como e de que forma se produz no campo” (GERMANI, 2010, p. 270). Perpassa então, pela posse, apropriação e uso da terra e dos bens da natureza. Essa relação se dá em disputas por distintos grupos sociais que desenvolvem formas diferentes de usar a água, o ar, a biodiversidade, a energia solar, os minerais, a terra e os ventos.

Partindo dessa compreensão, os discentes precisaram ler a obra “Torto Arado” na tentativa de identificar as seguintes expressões da Questão Agrária: a) conflito e luta pela/na terra; b) assentamentos de reforma agrária; c) agricultura familiar; d) agricultura não-familiar; e) populações indígenas; f) populações ribeirinhas; g) populações quilombolas; h) grandes obras e projetos de investimento/desenvolvimento, tais como barragem, eólica, ferrovia, mineração, rodovia; i) processo de escolarização formal e educação do/no campo; l) utilização de insumos químicos (agrotóxicos) na produção de alimentos; m) outros destaques que tocam com o tema e/ou suas vivências.

Muitos dos pontos elencados acima aparecem na obra “Torto Arado”. A escolha deste livro como suporte para realização da disciplina se deu justamente pela construção narrativa que a obra desenvolve sobre o acesso à terra no Brasil e as interlocuções nesse processo, o que permite uma série de debates e reflexões a partir da literatura.

Vale destacar que o autor da obra é Itamar Vieira Júnior, nascido em Salvador, é graduado e mestre em Geografia pela Universidade Federal da Bahia (UFBA). Ainda na UFBA, fez o doutorado na área de Estudos Étnicos e Africanos, cujo a tese é intitulada “*Trabalhar é tá na luta: vida, morada e movimento entre o povo Iúna*” defendida em 2017. Sua obra “Torto Arado” recebeu diversos prêmios, entre eles: Leya (2018), Jabuti e Oceanos (2020).

Ler-com, ler-junto, ler-para: os sujeitos participantes da leitura coletiva

Cláudia de Arruda Campos, ao falar sobre a leitura compartilhada, nos ensina que a ler-com ler-junto, ler-para é algo imprescindível. Para a autora, a leitura deve ser compartilhada e, quando compartilhada, ela assume um outro sabor, ganha outro significado e nesse movimento de ler - com - junto e para trocas e relações são construídas (CAMPOS, 2015). Este foi o exercício que tentamos fazer durante a disciplina.

A disciplina “Questão Agrária e Literatura” foi realizada com participação de 10 discentes dos cursos de Licenciatura em Geografia (IF Baiano), 07 discentes de Licenciatura em Ciências Biológicas (IF Baiano), 02 participantes vinculadas ao Programa de Pós-Graduação em Geografia da UFBA e 01 estudante do Curso de Licenciatura em Geografia do Instituto Federal da Bahia (IFBA). Além disso, contou com a participação de professores da Educação Básica que compartilharam suas experiências de leitura e interpretação sobre a obra “Torto Arado”.

Um formulário foi elaborado para conhecer os participantes da disciplina. A intenção era saber com quais sujeitos estaríamos partilhando saberes. Por isso, foram feitas questões sobre quais as condições de acesso e das vivências dos sujeitos em relação ao campo/rural, desde a escola e outras experiências de suas vidas. Dessa forma, a partir dos dados coletados e das observações durante as aulas, algumas considerações

podem ser feitas sobre o perfil dos/das participantes: a maioria era formada por mulheres (80%), com idade entre 24 e 46 anos, sendo que, atualmente, a maioria deles/as residem em áreas urbanas, mas há, em suas trajetórias familiares ou nos interesses pessoais, uma ligação/vinculação com o campo/rural. A forma de acesso e participação nas atividades ocorriam via aparelhos celulares ou notebooks, em ambientes como o quarto, sala, cozinha, às vezes sozinhos/as ou acompanhados de outros membros da família.

Em algumas das falas ficam registrados a relação individual/familiar desses sujeitos com o espaço rural. Essa vinculação traz uma outra aproximação e identificação com a obra lida, o que ficou evidente durante os debates realizados e as cartas construídas. A seguir, apresentamos trechos de respostas do formulário ao questionarmos sobre a relação individual/familiar com o espaço rural no Vale do Jiquiriçá/Bahia/Brasil. Usaremos os nomes das personagens do livro “Torto Arado” para se referir aos/as participantes da atividade no intuito de preservar a identidade dos sujeitos envolvidos.

Meus avós eram lavradores, hoje aposentados. Fui criada pelo sustento da roça. (Crispina, 2021)

Desde pequena morei na zona rural, na Fazenda Boqueirão, uma localidade aqui de Jiquiriçá mesmo, minha família ainda moram lá, desde então vivenciei, e continuo acompanhando o modo de vida, cultura e subsistência de lá. (Belonísia, 2021)

A relação individual, quanto ao espaço rural, não acontece em minha vida, de maneira efetiva e direta, porém, mesmo vivendo no espaço dito urbano, cotidianamente via a minha mãe, Dona C., com a enxada em uma mão e as sementes em outra. Acordava cedo e era envolvida naquele abrir de covas para efetuar o plantio de feijão de corda, do andu, do mangalô, do jiló, do chuchu, da abóbora, do milho, da mandioca... Posterior a isso, tinha que "chegar a terra" quando os brotos surgiam. A colheita então, era maravilhosa, pois em uma época muito difícil, muito do que comíamos, vinha do quintal. Debulhar o milho, o descascar do feijão, colocar o café para secar e torr-lo para depois moê-lo no pilão a ida para tirar lenha dentro "mato", também era uma tarefa constante, o carregar água na cabeça, não ter energia elétrica, não sei se estou sendo leviana, mas esses acontecimentos, faz com que eu ouse dizer que tenho sim uma relação com o rural. (Salu, 2021)

A partir das falas acima é possível perceber os atravessamentos que acompanham as trajetórias de vida dos sujeitos, suas memórias e a relação com a obra

lida. Por isso, foi a partir dessas falas que começamos o debate sobre a Questão Agrária e apropriação privada na natureza. As falas dão concretude às discussões abstratas e elucidam os desdobramentos das expressões da Questão Agrária.

Uma questão importante era compreender como os sujeitos participantes entendiam a Questão Agrária. Por isso, propomos a construção de uma nuvem de palavras a partir da definição da temática com palavras-chave (Figura 01). A nuvem foi construída de forma proporcional com o maior número de ocorrências das palavras, aquelas que apareceram mais de uma vez, ficam em maior evidência.

Figura 01. Nuvens de palavras sobre Questão Agrária



Fonte: Respostas do anexo A, Turma Questão Agrária e Literatura, 2021.

Fonte: Respostas da Turma Questão Agrária e Literatura, 2021.

Interessante observar como as palavras Lutas, Capital e Terra aparecem com maior destaque. Isso evidencia que os sujeitos ali envolvidos tinham noções sobre o espaço rural e as disputas por terra no Brasil. Além disso, outras palavras-chave no debate aparecem, como: relações de trabalhos, mão de obra, desigualdades, cultura, produção, concentração, concentração fundiária, economia, poder, raízes e vidas. São todas elas questões presentes no campo brasileiro, e de forma literária, presentes também na obra “Torto Arado”.

Diálogos entre a obra Torto Arado, a Questão Agrária e as vivências dos participantes

A obra “Torto Arado” é ambientada em uma fazenda intitulada Águas Negras no sertão baiano, especificamente, na Chapada Diamantina. O livro narra a trajetória do núcleo familiar da matriarca Donana e do Seu Filho Zeca Chapéu Grande e das netas Bibiana e Belonísia em três perspectivas. Dividido em três partes (Fio de Corte, Torto Arado e Rio de Sangue), a obra perpassa pelo passado e o presente dessa família, uma família de camponeses sem terras que têm suas vidas marcadas pela negação do direito à terra, pela exploração no trabalho, a luta por Educação e terra.

Acompanhamos durante a obra, o desenvolvimento das irmãs Bibiana e Belonísia, filhas de Zeca Chapéu Grande, que tiveram suas vidas mudadas a partir de um trágico acidente. Nesse caminhar, vimos o despertar das meninas para diversos assuntos da vida, a tomada de consciência sobre o corpo, sobre a condição de vida na fazenda, o direito a terra e a educação.

Há uma riqueza de detalhes e situações presentes na obra que permitem a compreensão, de forma didática, de aspectos que perpassam pela compreensão da Questão Agrária. Por isso, durante a realização da leitura coletiva, diversos temas foram abordados com base na reflexão da obra, mas também a partir das memórias e experiências dos/das participantes. Essa troca entre a reflexão sobre as múltiplas dimensões da Questão Agrária, da obra e das vivências dos/das participantes, aconteceu durante todos os encontros e de forma mais intensiva na construção das Cartas para “Torto Arado”.

Nas cartas, assim como nos relatos das aulas, apareciam questões vinculadas ao trabalho na terra; as dificuldades do acesso à educação no espaço rural; as manifestações religiosas e culturais do campesinato, ou seja, aspectos ligados à sociabilidade; práticas e experiências na produção de alimentos; vivências nos movimentos sociais de luta pela/na terra; bem como, questões envolvendo violência contra mulher. As cartas foram construídas para vários personagens da obra. Tivemos cartas para Zeca Chapéu Grande, Belonísia, Bibiana, Santa Rita Pescadeira, Inácio, Peixoto, Donana e para todos os moradores de Água Negra de forma coletiva.

A seguir, demonstraremos trechos das cartas construídas que ilustram os pontos relacionados ao trabalho, as sociabilidades e a educação, bem como, os diálogos construídos e as possibilidades de conexões entre a obra e a realidade.

Trecho de uma Carta para Zeca Chapéu Grande

(...) Senhor Zeca, estou lhe escrevendo esta carta para dizer que conheci um pouco de sua história. Sua luta no dia a dia para tirar o sustento dos seus da terra; a luta para que pelo menos os mais novos tivessem direito a educação; as humilhações sofridas por não ser dono do teto que vive e do quintal que planta as sementes. Queria dizer também, que gostaria muito que um dia o senhor e meu pai se conhecessem. Vou logo lhe adiantando que ele não é de muitas falas e “a leitura dele mal dá pra fazer o nome em uma folha de papel” como ele mesmo diz, mas quando a prosa é sobre a lida com a terra, assim como o senhor meu pai é melhor que qualquer doutor formado em faculdade. Consigo até mesmo imaginar a cena, os senhores na roça plantando, colhendo e compartilhando os saberes que os anos de trabalho duro lhes trouxeram e no findar do dia, minha mãe traria um café quente acompanhado de um pedaço de bolo de aipim, retirado ali mesmo do quintal, enquanto isso, ele lhe contaria sobre as fazendas que já trabalhou em troca de um barraco para que seus filhos não ficassem sem um teto sob as cabeças, contaria cheio de orgulho sobre os trabalhos pesados que já precisou fazer para botar comida na mesa (...). (Severo, 2021)

Neste trecho, vários elementos sobre a obra intercalam com a vivência do discente e de sua família. A lida com a terra aparece como fio condutor nas experiências dos camponeses, seja na ficção, como a de Zeca Chapéu Grande, ou na figura concreta do pai do participante. Há também uma denúncia sobre a falta de acesso a educação e as relações de exploração e trabalho construídas ao longo da vida dos sujeitos camponês. Aqui recorremos e concordamos com Wanderley (2014) quando diz que a história do campesinato no Brasil deve ser compreendida a partir de situações concretas e estratégias (fundiárias, produtivas e familiares) de ocupações precárias e provisórias que permitiram a manutenção de comunidades camponesas. O trecho da carta acima aborda isso ao relacionando as lembranças do seu pai com questões presentes na obra.

Em consonância com o trecho da carta apresentado anteriormente, é possível ilustrar o sistema de moradia praticado pelos proprietários de terras para explorar a mão de obra do trabalhador com a seguinte passagem da obra.

(...) O gerente queria trazer gente que «trabalhe muito» e «que não tenha medo de trabalho», nas palavras de meu pai, «para dar seu suor na plantação». **Podia construir casa de barro, nada de alvenaria,**

nada que demarcasse o tempo de presença das famílias na terra. Podia colocar roça pequena para ter abóbora, feijão, quiabo, nada que desviasse da necessidade de trabalhar para o dono da fazenda, afinal, era para isso que se permitia a morada. Podia trazer mulher e filhos, melhor assim, porque quando eles crescessem substituiriam os mais velhos. Seria gente de estima, conhecida, afilhados do fazendeiro. **Dinheiro não tinha, mas tinha comida no prato. Poderia ficar naquelas paragens, sossegado, sem ser importunado, bastava obedecer às ordens que lhe eram dadas. Vi meu pai dizer para meu tio que no tempo de seus avós era pior, não podia ter roça, não havia casa, todos se amontoavam no mesmo espaço, no mesmo barracão.** (VIEIRA JÚNIOR, 2019, p. 41 grifo nosso).

Pelo trecho em destaque, fica explícito que era dada a permissão ao trabalhador para plantar pequenas roças próximas a moradia, desde que trabalhasse nas lavouras da fazenda, muitas vezes sem receber por isso (WANDERLEY, 2014). Situação semelhante é relatada em outra carta escrita por um discente para Zeca Chapéu Grande

A narrativa de seus passos faz lembrar-se de meu avô, que chega a uma fazenda para trabalhar, não recebe pagamento por isso, apenas é lhe dado o direito de construir uma pequena casinha de barro na propriedade, onde poderia morar com seus filhos, plantar para o consumo próprio quando não estivesse na lida diária para encher o bolso do patrão, vivendo a vida dura no sertão baiano. E mesmo assim com todas as labutas desde cedo não deixa apagar a sua fé, as suas crenças religiosas, a ida até ao quarto dos santos para pedir proteção e saúde são as demonstrações de afago às divindades maiores. A sua história de vida, senhor Zeca chapéu grande, é a história de muitos brasileiros que ainda hoje encontramos por aí, que lutam pela sobrevivência diariamente. (Servo, 2021)

A obra “Torto Arado” apresenta uma diversidade de discussões que perpassam pelo campo baiano e brasileiro, mas para além disso, apresenta também questões que tocam as discussões de gênero, a solidariedade camponesa e uma ética moral com a terra. A seguir, um trecho de uma carta que propõe o diálogo com a Belonísia, chamada carinhosamente na carta de Belô.

(...) Provou para o povo de Água Negra e para todos os leitores de Torto Arado que a sua condição como mulher, negra, viúva, sozinha e deficiente não diminui o seu poder e a sua capacidade. Pelo contrário, fez mais do que qualquer outro sujeito de Água Negra havia feito. Plantava grandes extensões de roça, apenas por amor e conexão com a terra e o trabalho. Você nos mostrou o verdadeiro significado da palavra solidariedade e desafiou as estruturas de poder representada pela figura do fazendeiro, no momento em que escondia parte de sua

produção na roça para **compartilhar com a sua família e a família de Maria Cabocla**. (Bibiana, 2021, grifo nosso).

Esse trecho mostra a solidariedade camponesa e a união feminina. A relação de Maria Cabocla e Belonísia apareciam frequentemente no debate, bem como, as violências sofridas por ambas. Mostra que, além da luta contra os latifúndios, as mulheres camponesas ainda precisam lidar com o machismo e seus dobramentos dentro de suas comunidades.

Outro ponto que destacamos na obra “Torto Arado” é a discussão sobre Educação no/do campo. Na obra, a luta, inicialmente feita por Zeca Chapéu Grande, é para garantir uma escola na comunidade. Ele usa os meios possíveis para conseguir esse feito. No entanto, a partir do olhar de Belonísia, percebemos que somente a escola NO campo, sem uma Educação que seja de fato DO campo, não traria os resultados que Zeca almejava. Esse ponto específico coloca para debate as reivindicações dos movimentos sociais do campo sobre uma Educação que seja NO e DO campo⁴. A seguir, apresentamos um trecho de uma carta para Bibiana que destaca os desafios enfrentados pelas populações camponesas para acessar a Educação.

(...) filha de pais agricultores, meu pai deixou a escola para trabalhar na roça e minha mãe por ser mulher teve o direito esse direito negado mas eles sempre fizeram de tudo para que tivéssemos a oportunidade de estudar, lembro em uma reunião onde os candidatos às eleições municipais se reuniram na região e meu pai fazia um apelo para que fosse cedido um carro pela prefeitura para que pudéssemos ir à escola e não ter que caminhar 6 km todos os dias como já fazíamos a muito tempo desde os 5 anos de idade... Estudei em classe multisseriadas e nunca vou esquecer dos inúmeros dias que fiquei sem poder sair da sala durante o recreio pois não tinha feito a tarefa de casa, era meu pai que ensinava as tarefas e como ele trabalhava todos na roça saia muito cedo e chegava sempre muito tarde nem sempre conseguia ensinar (...) (Donana, 2021).

No trecho, destaca-se questões vinculadas à falta de infraestrutura e condições materiais necessárias para uma educação verdadeiramente digna. Na obra, esses pontos também são levantados. Além deles, há também uma passagem que remete aos conteúdos que são trabalhos nas escolas. Na fala de Belonísia, temos:

4 Uma educação que seja NO e DO campo indica que “No: o povo tem direito a ser educado no lugar onde vive; Do: o povo tem direito a uma educação desde o seu lugar e com a sua participação, vinculada à sua cultura e às suas necessidades humanas e sociais” (CALDART, 2002, p. 21; 18).

(...) Não me atraía a matemática, muito menos as letras de dona Lourdes. Não me interessava por suas aulas em que contava a história do Brasil, em que falava da mistura entre índios, negros e brancos, de como éramos felizes, de como nosso país era abençoado. Não aprendi uma linha do Hino Nacional, não me serviria, porque eu mesma não posso cantar. Muitas crianças também não aprenderam, pude perceber, estavam com a cabeça na comida ou na diversão que estavam perdendo na beira do rio, para ouvir aquelas histórias fantasiosas e enfadonhas sobre os heróis bandeirantes, depois os militares, as heranças dos portugueses e outros assuntos que não nos diziam muita coisa. (VIEIRA JÚNIOR, 2019, p. 97).

Partindo das reivindicações dos movimentos sociais, o autor problematiza sobre os conteúdos que são trabalhados nas escolas e a forma que são apresentados. São reivindicações do movimento da Educação do Campo, fruto das lutas dos trabalhadores e trabalhadoras do campo frente a política de negação à Educação. A Educação do Campo se posiciona contrário a essa visão sobre o campo como atrasado e as escolas do campo como inferiores (CALDART, 2008).

Considerações finais

A disciplina “Questão Agrária e Literatura” foi um exercício de reflexão sobre as dimensões da Questão Agrária a partir de outras linguagens. Com a leitura coletiva da obra “Torto Arado” foi possível costurar elementos da discussão teórica, com elementos da literatura e das trajetórias de vida dos sujeitos.

Ao socializar essa experiência, esperamos contribuir com o debate sobre Questão Agrária a partir da utilização de outras metodologias e abordagens. Como nos ensina Sonia Rosa, acreditamos que entre textos podemos construir afetos e outras compreensões do mundo (ROSA, 2017). Afinal, ao compartilharmos histórias “as palavras ganham vidas na voz de alguém e neste seu novo formato ganha um movimento próprio” (ROSA, 2017, p. 31). E foi isto que construímos com a leitura coletiva de “Torto Arado”: um movimento próprio em um período adverso que estávamos vivenciando. Para além das trocas acadêmicas, foi um abraço mediado pela leitura e pela possibilidade de construir novas perspectivas no ensino-aprendizagem.

A obra deu elementos para percebermos a materialização da Questão Agrária a partir da literatura e da leitura da realidade. Um diálogo que foi possível graças a participação e envolvimento dos sujeitos participantes e de suas vinculações com o

campo. Consideramos então, essa experiência positiva e que consolidou os objetivos iniciais pensados. Como desdobramento dessa atividade, pretendemos publicar as Cartas para “Torto Arado” em formato de livro. Dessa forma, outras pessoas podem ter acessos aos diálogos construídos. Além disso, o Grupo de Pesquisa em Questões Agrárias IF Baiano/CNPq, mais conhecido como NEQA, realizou o projeto de extensão Clube de Leitura do NEQA-IF Baiano, no Campus Santa Inês, para leitura coletiva da obra.

Agradecimentos: Aos participantes da disciplina “Questão Agrária e Literatura”, discentes ou não, que construíram conosco a linda experiência de troca mediada pela literatura.

Referências

CALDART, Roseli Salete. Sobre educação do campo. In: SANTOS, Clarice Aparecida dos (Org.). Por uma Educação do Campo: Campo - Políticas Públicas -Educação. 1. ed. Brasília: INCRA/MDA, 2008. v. 7, p. 67-86.

_____. Por uma educação do campo: traços de uma identidade em construção. In: KOLLING, Edgar Jorge; CERIOLI, Paulo Ricardo; CALDART, Roseli Salete (Orgs.). **Educação do campo: identidade e políticas públicas**. Brasília-DF: Articulação Nacional Por uma Educação do Campo, 2002. (Coleção Por uma Educação do Campo, nº 4). p. 18-25.

CAMPOS, Cláudia de Arruda. Ler - compartilhar [Introdução]. In: **Vozes da ficção: narrativas do mundo do trabalho** [S.l: s.n.], 2015.

CORRÊA, Ana Laura dos Reis., *et al.*. Literatura e vida social. CORRÊA, Ana Laura dos Reis; HESS, Bernard Herman; ROSA, Daniele dos Santos (Org.). **Caderno de leitura: um percurso de formação em literatura na Educação do Campo**. São Paulo: Expressão Popular, 2019.

GERMANI, Guiomar Inez. Questão agrária e movimentos sociais: a territorialização da luta pela terra na Bahia. In: COELHO NETO, Agripino Souza; SANTOS, Edinusia Moreira Carneiro; SILVA, Onildo Araújo (Org.). **(GEO)grafias dos movimentos sociais**. Feira de Santana (BA): UEFS Editora, 2010, v., p. 269-304.

ROSA, Sonia. **Entre textos e afetos: formando leitores dentro e fora da escola**. Rio de Janeiro: Malês, 2017.

STEDILE, João Pedro. História da Questão Agrária no Brasil. In:_____. (Org.) **A questão agrária no Brasil: o debate tradicional – 1500-1960**. 2. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2011.



VIEIRA JÚNIOR, Itamar. Torto Arado. São Paulo, Todavia, 2019.

WANDERLEY, Maria de Nazareth Baudel. O campesinato brasileiro: uma história de resistência. **Revista de Economia e Sociologia Rural** [online]. 2014, v. 52, p. 25-44. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0103-20032014000600002>>. Epub 19 Fev 2015. ISSN 1806-9479. <https://doi.org/10.1590/S0103-20032014000600002>. Acesso em: 5. Agost. 2022.